

os quatro cantos
do império
andré canhoto costa



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

LOCAIS
DA
NARRATIVA



Lisboa

Calecute

Ilha de Moçambique

São Jorge da Mina

Porto Seguro

I

Lopo é esse rapaz, subindo o carreiro, entre a orla do mar e o pinhal. Vai descalço, num rasto de pegadas na areia molhada. Vem da charneca, capitaneando o seu rebanho de cabras, em pastoral tranquilidade. Traz à cintura uma cabaça cheia de água e a sua flauta de cana, presa por uma corda de lã ao bolso do colete. Com dedos velozes, a retirar da flauta a doce melodia, corre ainda mais veloz o pensamento, sobre o mar, para lá do oceano até às costas de África. Mal serpenteia o som, já Lopo alcançou os terraços das vilas e aldeias de cal, os postigos azuis, as ruas luminosas, onde as raparigas mouras penteiam os seus cabelos de seda, entre as colunas de mármore das varandas, olhando os extensos laranjais. Não é preciso ter lido *As Mil e Uma Noites* para se ter uma ideia do cenário, e Lopo tem ouvido as conversas dos vendedores de tâmaras, o tagarelar dos pilotos e marujos, sobretudo o sussurrar das criadas de servir, pródigas em criar romances, somente a partir de um farrapo de sonho. Os cristãos chamam aos habitantes desses sítios, infiéis ou sarracenos, e às vezes, cães danados, embora todos gabem as encostas da cidade de Argel: casas imaculadas cercadas de pomares, onde os mercadores italianos, apesar de fiéis à lei de Cristo, acumulam

riqueza e mulheres. Lopo sorri destas fraquezas, é virtuoso como as manhãs de primavera, não fez ainda catorze anos e está armado da ignorância contra os apetites da carne, o seu impulso amoroso é todo feito de sonhos e coisas intocáveis.

Lopo travou o sopro, guardou a flauta, já regressou da sua imaginada viagem, quase dormitou junto à figueira retorcida, onde se toma o caminho para Sagres. Sobe agora pela falésia, e num aceno de cabeça saudou o moleiro, ou seja, está muito perto da vila de Lagos. Lá está o rochedo onde bate o mar, com o pequenino forte, sobre a baía; e o tapete de telhados, estendido ao longo do estuário, e a praia onde descem os escravos acorrentados. No cais, vai um bulício de festa, é o apresto de mais duas caravelas, a caminho das predações no estreito de Gibraltar, na costa do ouro, no golfo da Guiné. Contudo, por mais riquezas que possam cintilar nas cidades africanas, a Lopo não o chama a aventura, o seu coração tem dono, embora não deva saber-se quem, sob pena de castigos, quem sabe, vergastadas, talvez até a expulsão do palácio, ou coisa muito pior. Pois embora não o torture o espinho da experiência sensual, Lopo não se habitua ao desconcerto do mundo. Vá uma pessoa tentar compreender a lógica das coisas: dotou Deus os rapazes com a faculdade do desejo, no intuito de semear a vida, e ao mundo povoou com tantas e tão belas raparigas, para depois os sacerdotes e condes se atarefarem a dividir o que deus quis ver unido.

Lopo assobiou a uma nuvem de pássaros, bateu a palma da mão na sua coxa, depois consultou a luz do sol, adivinhou as horas. Não tem a mais pequena dúvida, se ainda vai deixar as cabras no monte, está muito atrasado, o alvo dos seus anseios estará para regressar do jardim. Lopo já está à porta do curral, faz deslizar o eixo da cancela, depois salta o muro de pedra e corre pela encosta. Na praia, há pescadores de atum a preparar os barcos, bem sabem como o rei retira do seu suor a maior renda algarvia:

- Que tal ires trabalhar ao mar, ó Lopo?
- Não, muito obrigado, e boa faina.

— Pois é, malandro. Mata-se uma pessoa na pesca do atum, enquanto outros andam a passear pelos montes, ou entre os roseirais do palácio do conde. Mas tu, no paço d'el rei nunca meterás o pé.

— Já lá vem caravela? Vá, diz-me ó Fogaça, é isso ou não é? Andas com inveja de quem arrisca a sorte no mar largo?

— És um mestre, Lopo. Não admira teres caído nas boas graças do conde, só te falta o sangue azul. Mas deixa-me dar-te uma novidade: daqui por trinta anos, serás pastor na mesma.

— Vimos ao largo a caravela do capitão Tristão — eis a pronta interrupção do Calcinha, filho do Fogaça pescador. E o miúdo, a enrolar a rede, fechou um dos olhos para precisar a leitura das distâncias: — Já não levará muitas horas, pai. Mas coisa boa não traz.

O Fogaça cospe nas mãos, examina o andamento das nuvens, depois censura o péssimo movimento do filho no enrolar da malha, a quem já explicou cem vezes como se procede. O Fogaça volta-se para o mar:

— Pois é Lopo, lá vem caravela, mas cheira-se a peçonha ao longe.

— Ora, é largar as redes e ir de mareante — replica Lopo — de outro modo, de tanta bília, ainda te ficam os cabelos verdes.

— Mas tu conheces o capitão Tristão, ó rapazola?

— E como havia de conhecer? A minha vida são as cabras do monte. Com o mar só quero banhos e boas vistas.

— Rapaz! Anda cá, a conversa não acabou. Mas mordeu-te algum bicho?

Lopo já vai a correr pelas ruelas da vila, rasando as altas paredes de cal toma o atalho da muralha. Defronte da casa do governador, acena a um rapaz conhecido, bombardeiro do castelo e comprador de queijos aos pastores do paço:

— Eh Lopo, onde é o fogo?

Lopo não dá resposta, ergue a mão e segue pela margem do rio, a ver se ainda chega a tempo ao barrocal, apanhando o moleiro de volta a casa. No atalho, vem a mulher do Fogaça com uma canasta de sardinha:

— Eh Lopo, onde vais?

Lopo já vai muito para lá do cais, tem de chegar antes de anoitecer, ou quem sabe, terá de esperar outra semana para obter o tão desejado prémio. Já deixou a vila, ultrapassa matos e charnecas, vê a palha no rio a caminho do mar. Sobe a crista do monte, franjeada de arbustos secos, árvores retorcidas, e olha em redor: para o lado de terra, as verdes copas dos pinheiros inclinadas pelo vento, para o lado do mar, as falésias de ouro, e ao fundo, aninhada no vale, a vila de Lagos, com os seus telhados em fogo, a alfândega, os casebres dos pescadores e a fila de armazéns.

Já não apanhou o moleiro, mas dali até ao palácio do velho conde, é um salto. A chegada das caravelas acenderá no pátio a algazarra. As coisas não vão bem e uma boa faina de escravos e pedraria, tomados no estreito, sempre é motivo para se festejar. Desde que o rei Dom João chamou a si as explorações dos mares, e a feitoria do comércio de Arguim foi mudada de Lagos para Lisboa, devido ao roubos dos oficiais, o velho conde anda nervoso, habituou-se às licenças de comércio, cedidas pelo rei, e agora, envelhecido e privado do trato nos mares africanos, não aceita terem os tempos mudado. A Lopo basta-lhe saber que no mesmo paço vive Guiomar, rebento tardio da velha cepa. E se a Lopo o preocupa o dinheiro, é só por existirem leis e costumes, e necessidades de serem as pessoas habitantes das cidades e obrigadas a certos limites no vestir e no comer. Os vestidos luxuosos vêm de Itália, os perfumes de França, as armas de Nuremberga, como se vê, sempre o mundo foi mundo, tal como o conhecemos, para enfeitar a mulher, franceses e italianos, para fazer a guerra, os alemães.

Lopo chegou ao terreiro do palácio, viu a carreira de mulas à porta, e os cavalos dos vendedores, as carroças apinhadas de mercadoria. Vem muita gente ao Algarve comprar fruta e o velho conde, se vende muitos dos frutos das suas terras, também é bom comprador. Tome-se um exemplo: os figos de Silves chegam a todo o mundo, e o mundo paga com frutos metálicos, pelo menos de igual valor. O velho conde alguma coisa enriqueceu com este vai e

vem, e mesmo privado do favor régio, continua a enviar as velozes caravelas, as suas velas prontas a içar ou mudar de posição, aproveitando todas as direções do vento. Tem escravos para se produzir o azeite, e um amendoal de pouco trabalho e muito lucro, mais as casas, currais e herdades de pão nos arredores de Ceuta, tudo devido aos serviços enquanto jovem guerreiro. Mas o velho conde nunca está satisfeito com o estado das coisas. De cada vez que os capitães partem nas caravelas e avançam um pouco mais na exploração da costa e do oceano, logo se sente assombrado pelas novas oportunidades de comércio. Mas armar caravelas custa os olhos da cara e por isso desagrada a um velho aristocrata virem para aí uns reles escrivães, nomeados em Lisboa, vigiar este comércio, garantindo a quarta parte do rendimento ao rei de Portugal. Por isso, ocorreu a este velho conde uma ainda mais velha ideia: montar de sua casa e renda um escrivão de confiança e fazê-lo nomear em Lisboa, de modo a vencer o muro de papéis interposto entre os velhos homens da conquista de Ceuta e os novos donos das riquezas de além-mar, esse capitães e pilotos de baixa condição. Sendo Lopo o mais rápido dos rapazitos a multiplicar feijões e a subtrair maçãs, mandou vir o velho conde um abade de Tavira para dar lições ao rapaz. Contudo, a Lopo pouca importa o comércio, e o abade, atirado para as funções de um padre-mestre, anda com os cabelos em pé:

— Lembra-te, Lopo! Ao nosso rei, Dom João o segundo, sendo pouco mais velho que tu, não contando ainda dezassete anos, foi cometido todo o comércio da Guiné.

Lopo não se assusta com estas comparações: ao rei nunca viu, e que é para ele a Guiné ou o seu comércio? Lopo vai incomodado com estes raciocínios, mas hoje, felizmente, não haverá lição, contudo talvez haja, finalmente, o prémio. Lopo vê a luz findar-se, corre a entrar na alameda do paço, lava mãos e cara no tanque, vai direito ao lugar combinado. Procura Guiomar, mas vê apenas o velho conde, em conversa com os mercadores de Silves. Guiomar também não se encontra junto ao castanheiro, nem perto do murete do roseiral. Lopo vai pisando o serpenteado do caminho, examina a larga

varanda, o postigo emoldurado por uma trepadeira de flor lilás, por onde avista a soturnidade do quarto vazio. Depois atravessa a eira e vai pedir pão à cozinha.

Mal Lopo estende a malga para recolher a água, assusta-se com a voz cava, vinda do alto. Um grande cão de água, de pelo negro, observa Lopo. Numa zona ainda mais alta do grande plátano, está Guiomar, com um pequeno objeto, uma fisga, conclusão a que Lopo chegou rapidamente, depois de ser atingido por uma pedrinha. Guiomar nunca se separa do seu cão de água, nem sequer quando sobe ao grande plátano do jardim, o que tem levado a condessa mãe a procurar, em todos os mosteiros do sul e do norte, um frade com sapiência bastante para convencer a menina de que não é um rapaz. A velha condessa não se cansa de imputar ao velho conde, com os seus modos abrutalhados e os desejos de obter um varão, este insólito desastre. Para a velha condessa, entre os vários episódios constantes do lamentável rosário de causas, na origem do comportamento insólito da sua filha, está precisamente a oferta deste belíssimo animal, o *Latido*. Mas o cão de água é um espécime de grande nobreza, e a maior alegria na vida de Guiomar.

II

Quando Guiomar fez dez anos, o velho conde ofereceu à filha o cão de água. Desde então, Guiomar anda sempre na companhia do *Latido*, para inominável horror da velha condessa. Nos últimos quatro anos, todos os dias, mal se levanta da cama, e após lavar a cara numa bacia de água fresca e comer duas laranjas, ou duas maçãs, ou uma mão cheia de figos, conforme o dia da semana, Guiomar vai para as praias de Lagos. Rebola com o *Latido*, puxa o pelo ao pobre animal entre muitas outras afetuosas judiarias. Brincam nas ondas do mar, bebem a água na mesma fonte, e da mesma malga, correm pelos ermos, saltam muros, descansam nas mesmas sombras. Ao fim do dia, Guiomar penteia o pelo negro do *Latido*, e depois dormitam à sombra de uma alfarrobeira. Ninguém se arrisca a negar qualidades a um cão valente e dócil, e se o mérito pode ser sonegado a criados, abegões, caseiros ou lavradores, aí de quem injustiçar o *Latido*, é como se insultasse a própria menina-condessa Guiomar. Ouvirá então a uma rapariguinha de catorze anos, com firme resolução, os olhos chispados de fogo, muitos e variados insultos, seguindo-se os incontáveis detalhes

de todas e cada uma das histórias destes longos quatro anos de vida em comum.

É justo dizer: não são exagerados os cuidados oferecidos a este cão de água. O *Latido* já resgatou das mandíbulas de um lobo, um pequeno coelho, trazendo o pobre animal ao paço do conde, preso entre os dentes, com toda a ternura possível. Mas a mais impressionante história, sempre desfilada em jantares de gala, na recepção ao bispo ou no momento da nomeação de novos vereadores da câmara, pode qualificar-se como verdadeiramente impressionante. Quando Guiomar estava para fazer doze anos, ainda o *Latido* ia no terceiro ano de vida, o velho conde viajou até Lisboa, a apresentar a sua filha na corte. Recusando-se a abandonar a sua dona, o *Latido* largou a perseguir a carruagem, atravessando as altas serras do sul, depois as planícies secas e os arrozais húmidos, sempre mordendo a poeira das rodas das carruagens, onde o velho conde, a menina condessa Guiomar e a condessa mãe seguiam a caminho da corte. Nem as patas feridas impediram o *Latido* de perseguir os seus estimados donos, e vencido o cansaço, passando a nado o rio Tejo, alcançou Lisboa, subiu ao castelo e em frente do palácio do rei, o velho conde, comovido com a valentia do cão de água, e as lágrimas de alegria de Guiomar, mandou limpar o animal, chamou um criado e ordenou-lhe que enfeitassem o *Latido* com fitas de veludo vermelho. E lá foi o *Latido*, a ladrar de felicidade, nos braços de Guiomar, para conhecer o rei de Portugal.

Assim se explica o orgulho de Guiomar na presença do *Latido*, embora seja bem mais difícil de explicar porque atormenta Guiomar o seu criado Lopo, e de forma tão velhaca. Apesar de fustigado pelas pedras, Lopo ainda ali está, procurando fugir aos disparos. Os desejos da menina condessa são como ordens da providência, pois cabe a Lopo, além das lições e dos seus deveres como pastor, ser o pajem de Guiomar, vigiando-a para que não se perca ou magoe. Talvez agrade à rapariga ter alguém da sua idade para melhor exercer as capacidades de mando, e por isso, o velho conde atribuiu a Lopo o dever de acompanhava Guiomar e o *Latido* em todos os seus passeios. Isto

constituiu a segunda causa no rosário de desgraças da família, segundo a condessa mãe:

— Lopo? O pastor?

Mas que bicho teria mordido ao velho conde para dar tamanha liberdade a um pobre desgraçado, atoleimado, e ainda por cima instruído? Foi para arrapazar ainda mais a filha? Foi para semear o fruto do mal no coração da menina? Indiferente ao que pensam sobre si, Lopo não se incomoda com juízos que não entende, a imaginação tem asas de águia, e Lopo, ainda fustigado pelas pedrinhas disparadas por fisga do alto do plátano, pergunta a Guiomar:

— Ei, que fazes em cima da árvore?

— Se o meu pai te ouve essas intimidades, talvez te fique a faltar um dedo ou dois, conforme o teu arrependimento.

Sem avançar qualquer explicação, Guiomar desfere nova chuva de fisgadas, e Lopo vai procurar abrigo dentro da capoeira das galinhas. Levanta-se um novelo de poeira e penas, cacarejos e tábuas partidas. Só então Guiomar sente pena do pobre pastor e pajem:

— Lopo! Vem para fora, sou eu quem to ordena.

Lopo sai a medo, mas ainda não chegou à beira do tanque quando a condessa mãe, abanando o leque, aponta para o cimo da árvore, como dizendo a Lopo, «não tenho a mais pequena dúvida de quem seja o responsável por esta macacada». A condessa mãe estica o indicador:

— Que disparate vem a ser este? Fora daqui, Lopo, fora daqui, e já!

Lopo, cabisbaixo, olhando para Guiomar, vai para a cozinha mendigar figos, ali mais certos que o pão, e esperar pela hora de ir levar novamente as cabras ao monte.

Para quem se espante com a docilidade de Lopo, incapaz de esboçar a sua defesa ou pelo menos mostrar dignidade, explicando à condessa a quem pertence a culpa de ter uma filha caprichosa, diremos que se a origem de uma pessoa não explica tudo, explica pelo menos uma parte de todas as coisas. Lopo nasceu nos casebres do termo de Lisboa, e das três maldições,

pobreza, bastardia, sangue hebraico, não se pode ter a certeza de qual delas pende sobre a cabeça deste pobre rapaz, isto se Lopo as não reuniu às três, no momento de vir ao mundo. Deixado envolto em panos de linho, repousando no cesto entrançado por velhas mãos, e deposto às portas do paço do velho conde, assim foi Lopo recolhido, em noite de trovoada. Exposto às intempéries do mundo, soaram nas serranias os uivos dos lobos e assim findaram as dúvidas: Lopo se chamaria o menino, ficando ao cuidado da cozinheira e do mestre das cavalariaças, sendo justamente o mestre das cavalariaças quem aí vai, a surpreender Lopo a caminho da cozinha, após a ordem da condessa:

— Eh, Lopo, onde vais?

— Vou à cozinha trincar alguma coisa, não como desde o nascer do sol.

— Não vais nada, chama-te a menina condessa ao alpendre do palácio.

— Mas como? Se ainda agora a condessa mãe me expulsou do jardim?

— Vai imediatamente. Pira-te.

Chegado ao alpendre, Lopo encontra a aia da menina-condessa:

— Amanhã cedo, irás com a menina condessa Guiomar à praia, foi a própria quem o ordenou.

— Aia, por favor, diz-lhe que não posso, é preciso assistir ao nascimento dos cabritos.

— Nem penses em desobedecer.

— Mas fui agora expulso da companhia da menina condessa pela senhora sua mãe.

— Não importa. E a menina condessa não quer saber de cabritos, tu não faltes, ou ainda pagarei as favas por ti, mas não penses que o senhor conde te guarda as costas para todo o sempre! Mexe-te, vai merecer a farinha que andas a gastar.

Na cozinha arde a luz da candeia, as mulheres estão na debulha, os homens saíram a caminho da taberna, Lopo não encontrou figos, mas recolheu o seu pedaço de broa, dura como a rocha, bebeu a

água do cântaro, roubou um fio de mel, irritou a cozinheira, sequência das mais lógicas e constantes em casas onde há rapaz a caminho de ser homem. Lopo subiu ao sótão da casa da lenha, onde instalaram o seu quarto, e deitado na esteira aguarda agora a bondade dos sonhos. Não é difícil, da pequenina janela, rasgada a golpes de machadinha, avistar a varanda de Guiomar, e às vezes, se a noite é boa, e o paço dorme, ouve-se uma cantiga, na voz doce do seu secreto amor. Lopo adormece com a tranquilidade dos anjos, e o privilégio dos príncipes. Um dia, irá receber um beijo, e então deixará de se importar com as humilhações e as infelicidades.

III

Mal o sol desfere os primeiros raios sobre as lajes da eira, Guiomar está de pé, com o *Latido* seguro pela trela, a corrente de prata sobre o pelo negro. Brilha no dedo de Guiomar o anel com as armas da sua casa, orgulhosa dos seus cabelos negros, duas torrentes de caracóis lustrosos, gabados pelas aias, mais parecem recurvados ao ferro. Guiomar traz vestido azul e uns sapatinhos de salto, mas é como se o tecido e o calçado fossem pele e cascos, os cabritos não ostentam maior destreza, até espanta como consegue a rapariga equilibrar-se em tais modos:

— Lopo! Estão para chegar caravelas, já soaram os sinos no convento, anda lá, corre, mexe essas pernas preguiçosas.

Lopo mal tem tempo para perceber por onde se meteu Guiomar, pois são muitos os caminhos no bosque de alfarrobeiras, e todos eles conduzem ao alto das falésias. Felizmente, o *Latido* vai ladrando, detém-se nas encruzilhadas, até Lopo surgir esbaforido nas curvas do pinhal, pois Guiomar, qual lebre acossada, só irá deter-se junto ao velho forte, altura da qual se vê todo o mar cintilante. Depois, os dois descem pelo carreiro, serpenteando entre as rochas, agarram os arbustos, sabendo como nas mãos fica o cheiro da maresia. Lopo e

Guiomar percorrem toda a encosta arenosa da falésia, assobiando ao *Latido*, chamando-o com voz amiga, até chegarem junto da orla, e quando os anéis de espuma e o quebrar das ondas estão à distância de uma corrida, avançam todos, Lopo, Guiomar e *Latido*, com quanto fôlego os abençoou a natureza. O *Latido* adora saltar sobre as ondas e brincar com as algas e a espuma. Nada muito velozmente e está na água salgada tão bem como em terra firme, ou não fosse um cão de água. A brincadeira dura quase toda a manhã, e já exaustos e encharcados, vão estender-se na areia, a respirar o sol do meio-dia.

— Lopo! Diz-me: não tens vontade de partir a ver o que existe para lá do oceano?

— Eu, e para quê?

— Ora, para quê, meu parvo, para ver o mundo, saber se existem mesmo esses monstros de que falam os livros, serpentes com cinco cabeças, palácios de sessenta cúpulas espelhadas, cidades com ruas e praças forradas a ouro.

— Cidades forradas a ouro? Bem, nesses sítios, o ouro deve valer bem pouco, ou o mesmo que a argila. Não me parece muito interessante ir bater com os costados num mundo onde das tuas orelhas pendessem argolas de argila.

— És mesmo parvo.

— Prefiro ver no teu colo o pingo de pérola, seguro por trança de prata, e das tuas pequeníssimas orelhas esses anéis de rutilante fogo.

— Tu andaste a beber? Tão maus versos, nem aos sapateiros de província se ouvem. Eu adorava partir, mas o meu pai nunca permitirá. Já bastou o escândalo, quando lhe pedi para cavalgar sozinha até Alcoutim.

— Com toda a razão procedeu o senhor conde. Não me parece boa ideia andarem meninas a cavalo por esses montes infestados de bandidos.

— Ora, meninas para umas coisas e senhoras para outras. Se me arranjar casamento, não hesitará em ver-me partir para Lisboa.

— Mas Lisboa é perto.

— Por isso mesmo, o ideal seria um lugar longe, bem longe, onde eu pudesse falar com quem quero, fazer o que me dá prazer.

— Se tu, Guiomar, assim o quiseres, eu irei por esse mundo, e escrevo tudo num livro, com fazem os geógrafos. Em troca, pedirei apenas um beijo.

— Já te avisei Lopo, acaba com isso. Ou conto tudo e acabas sem a mão direita.

— Qual mão? Esta?

Lopo belisca a anca de Guiomar, ouve-se um grito abafado, depois o riso; o *Latido* dormita tranquilo, ergue a cabeça, mas ao ver a sua dona sorrir, volta ao sono.

— Tu és parvo, com toda a certeza. Além de insolente e doido. Queres que nos vejamos assim, aqui estendidos? Irei para dentro das paredes de um mosteiro. E a ti, o meu pai é bem capaz de te arrancar os olhos. Olha!

No horizonte dourado, surgem as velas brancas de uma caravela. Está muito perto, pois o vento traz os gritos dos marinheiros. Ouvem-se tiros, urras, gritos de alegria, imaginam-se as lágrimas, os homens ajoelhados, o alívio dos marinheiros, desta já nos escapámos, para a próxima, logo se vê. Lopo e Guiomar estão de pé, pois o *Latido* já corre na orla da praia, a ladrar à aproximação da caravela. Lopo coloca os dedos na boca, emite um assobio estridente, agora são horas de almoço, o *Latido* ergue as orelhas e regressa, não há tempo para acompanhar a atracagem, mais tarde talvez regressem ao cais, a ver o desembarque.

Voltam a percorrer o carreiro, e depois o bosque de alfarrobeiras, até ao terreiro do palácio, onde os criados correm, batendo portas. Já foi anunciado o regresso do capitão Tristão, está iminente a sua visita ao palácio, haverá banquete em preparação, quanto mais não fosse denunciado pelos guinchos dos leitões degolados pela cozinheira. O velho conde dá pulos de alegria, não apenas pela qualidade dos leitões, mas pelas notícias chegadas com a caravela do capitão Tristão. Negociou com tribos desconhecidas, teve notícias de novas minas de ouro, embora essas riquezas dormitem no ventre

das montanhas, entre a selva infestada de feras, mas bem negociado, talvez os africanos façam chegar o ouro aos portos de mar. Não será fácil atingir esses lugares, será à força de lançados, disso não falta, os bandidos são mais que muitos em Lisboa, lá chegará o tempo de se alcançar o coração das trevas onde luze o ouro, por agora, só a promessa do proveito já é bastante. Tristão, herói dos mares, arrisca-se a suplantar as proezas dos antigos, e como tal, será recebido com honras de rei pagão.

Lopo foi chamado à lição, e hoje, o abade de Tavira não tem entendimento a não ser para os feitos da marinhagem, elogia o capitão Tristão. Ninguém deve espantar-se com tais homenagens, pois, não há muito tempo, a massa dos oceanos rugia intransponível. Os pilotos dos navios perdiam a sua posição no alto mar e o infinito carrocél das estrelas confundia os mais argutos dos astrónomos. Os mapas disformes eram impressos em livros raros, a ferver de erros e delírios. Jerusalém ocupava o centro da terra, e os rios do Paraíso eram tidos por reais e confundidos com obscuros cursos de água, derramados sem ordem ou razão por sobre a superfície do planeta. Soube-se depois como por alturas de Cabo Verde se avistava a estrela polar ou como junto da Serra Leoa o mar se complicava em ventanias e trovoadas. Se pouco a pouco se foram dissipando as trevas da geografia, tal se ficou a dever à vontade dos reis portugueses em desfazer dois monopólios comerciais: o de Veneza e o do sultanato mameluco do Egito. Nessa época, andou pela cidade de Lagos um infante de sangue inglês, a quem se tributam grandiosidades e erudição, livros que nunca leu, teorias astronómicas nem sonhadas. Henrique, por ser maluco ou visionário, se uma e outra coisa não são o mesmo, arriscou parte da sua riqueza na exploração da costa africana, ou por desejo de fama e poder ou por obsessão com a fé, se uma e outra coisa não são o mesmo. Se os sucessos da navegação se devem a esse infante, ou aos capitães e pilotos das caravelas, é problema de difícil resolução. Os pilotos aprenderam a conduzir os barcos utilizando as estrelas, depois de habituados a navegar sempre com a costa à vista. Agora, vão largando cada vez mais a terra, e

entram pelo oceano largo, dobram o cabo na ponta de África. O capitão Tristão levou a bordo um sábio e um piloto com muita experiência. Conhece a força das marés e traz mapas onde está desenhada a forma da costa. Se avistam uma montanha, ou uma falésia, ou uma praia, ou a foz de um rio, logo procuram saber onde estão, olhando para as linhas traçadas nos mapas, unindo os diversos lugares.

Ainda o sol se não desfez, vem o capitão Tristão a entrar no paço do velho conde, de rosto fechado, com nuvens no céu da imaginação, não sabe onde empregar a sua sabedoria, estão para se fazer armadas a caminho da Índia, e o capitão está cansado do comércio africano. Ao ver Tristão, os olhos do velho conde reluzem de felicidade, o seu enviado desfila como um mago chegado à sua pequena corte. Os dois homens abraçam-se, reconhecem-se, contam novidades e antiguidades, confirmam os laços e a confiança. Num ápice, sentam-se à mesa, chegam os convidados, e, correndo o vinho e trinchada a carne suculenta, todos os homens são fraternos. Comeram e dançaram, e quando os mais novos se foram deitar o velho conde chamou o capitão:

— Caro Tristão, quem diria?

— Pois é, senhor conde, há mar e mar, há ir e voltar.

— Nem mais, e agora vale bem a pena voltar, os tempos vão de mudança, morto dom João, o segundo, e erguido ao trono o meu primo, duque de Beja, dom Manuel, reacende-se a espera de lucros mais desafogados, caro Tristão, está menos vigiado o comércio dos particulares.

— Senhor conde, não lançaria juízo tão fácil. Não se lembra da distinção atribuída por sua majestade a Fernão Gomes? O escudo com campo de prata, e três cabeças de negros, cada um com argolas nas orelhas e nariz? Também pareciam jorrar oportunidades de comércio, mas o privilégio coube só a alguns. Nestas coisas, nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

— Tristão! Como me agrada sempre a tua justa prudência. Chega-te, quero fazer-te uma oferta, mas primeiro conta-me a tua viagem.

O velho conde estende os dedos, o capitão hesita, não beija a mão a cardeais e bispos, quanto mais a um velho conde. Apesar de incomodado, o velho conde não se perturba, e o capitão Tristão, recostado na sua cadeira, alonga-se em pormenores, exagera os feitos e as manobras, os contactos e os possíveis frutos desses contactos, ninguém lhe nega o mérito do conhecimento dos homens, embora caiba ao seu piloto o conhecimento dos mares e dos ventos, e Tristão conclui:

— Sem conhecer a terra, não era fácil, pois, orientar-se um homem no mar alto, e por isso sobravam os pedidos dos marinheiros, suplicando orientação a Maria, mãe de Jesus, farol e guia das embarcações desesperadas. Por sorte, temos piloto exímio, um homem a considerar, vossa excelência, um homem a considerar.

O velho conde, nunca desperdiçando oportunidade para revelar erudição:

— Muito curioso. Pedidos de orientação a nossa senhora, estes pescadores não aprendem. Não admira que os árabes, menos cren-tes nos poderes da mãe daquele a quem consideravam um simples profeta, tenham aproveitado para avançar na arte da navegação, aprendendo a ser excelentes marinheiros e ensinando-nos a progredir em segurança no mar alto.

— Por certo, senhor.

— Tristão! És um homem de valor, embora por vezes ingrato, enfim, não se pode ter tudo, mas pede-me qualquer coisa, se me não engano, e se não é o vinho a falar, julgo que hoje nem a minha filha te recusava.

— Por certo, senhor!

Os olhos do velho conde inflamaram-se, e só então viu claramente visto o insólito daquela figura do discurso, oferecer a filha a um capitão, nem sequer de armada, mas de caravela, triste lance, coroado pela insolência involuntária do seu capitão, e o velho conde não acha melhor forma de rematar o sucesso:

— Tristão, mas que resposta é essa? Tu queres ir a assar no espeto, juntamente com o leitão?

— Por certo, senhor!

O atrapalhado capitão não encontra melhor resposta. Nisto, a condessa mãe arregala os olhos, incrédula, e batendo com o punho na mesinha obriga o conjunto de figos secos a saltitar, obediente, no interior de um magnífico cesto de vime:

— Tu és estúpido, homem?

O velho conde está incrédulo com a intromissão da condessa, com a agravante, se julga ter ouvido bem, de ter sido apelidado de estúpido, e homem, malgrado o facto de a senhora rainha católica, a Isabel, em tempos, chamar a dom João, o segundo de Portugal, *el hombre*, mas este era seu inimigo, situação compreensível e muito diferente, e logo o capitão Tristão:

— Descanse, senhora condessa, a um homem do mar não interessam amarras, e muito menos casamentos, além do mais, a menina condessa moveria os mais firmes protestos a essas intenções e projetos, bem sabem como pouco me tolera. Mas quero fazer um pedido ao senhor conde.

O velho conde fulmina com olhar severo o rosto da sua mulher, pois a alternativa seria, provavelmente, encerrá-la na torre do palácio durante dois dias, a pão e água, por se aventurar a tal insolência diante da sua pequena mas fiel corte de velho fidalgo. O capitão Tristão acaba de pigarrear, está incomodado com o rumo dos acontecimentos, e temendo pela sorte, não vá uma reviravolta do destino atirá-lo para a prisão da cidade, decide ajoelhar-se, o que todos estranharam, dada a chacota crescente votada aos romances de cavalaria. Mas o capitão Tristão não se incomoda com as duas, três risadas abafadas que acabam de cortar o silêncio, e muito solene:

— Vossa excelência, senhor conde, é uma fonte de liberalidades e um verdadeiro pai para os servidores, e como tal, será sensível ao sofrimento dos seus pequenos vassalos. Na verdade, sinto muita a falta do meu cão, falecido ao largo do Bojador. Esta tarde, quando regressava, vi na praia um magnífico cão de água, sem qualquer medo ao mar revolto, mas com tal inteligência que mais parecia um homem. Estava na companhia de vossa filha e

de um pajenzito, os três reboavam na areia. Nunca até hoje tinha visto um cão tão ágil e feliz entre as ondas, e por isso faço este pedido.

A velha condessa tem os olhos prestes a saltar das órbitas, os três reboavam na areia, os três reboavam na areia, põe-se de pé, os punhos cerrados. O velho conde está pensativo. Sabe como irá desagradar muito a Guiomar, sabe como irá provocar um golpe profundo na coraçãozinho da sua filha. Mas Guiomar não tem ainda quinze anos. Irá esquecer tudo. Além disso, estas liberdades com o pajem estão a ir longe de mais, o velho conde não pretende ser alvo de comédias da corte, é preciso colocar um ponto final nesta história. Lopo irá voltar exclusivamente ao seu trabalho de pastor, comparecendo às lições do abade de Tavira, e despachado para Lisboa o mais depressa possível. Em momento próximo, mandará vir não apenas um, mas dois magníficos cães de água. O velho conde está prestes a concordar com o pedido, vai mandar trazer o *Latido*.

Entra no salão um criado, o *Latido* vem preso com a sua coleira de prata, os olhos tristes fitam as labaredas da fogueira, e o crepitar do lume invade todo o espaço, o silêncio estala, o vinho está a perder o seu efeito, os olhos procuram fixar um ponto de sossego, é como se estivesse para ser cometido um terrível pecado. Contudo, sem grande troca de palavras, o *Latido* vai ser entregue ao grumete do capitão Tristão. A hora vai adiantada, as carcaças dos leitões jazem nas bandejas de prata, as brasas na lareira expiram os seus últimos golpes de luz. Apertam-se as mãos, o capitão Tristão despede-se, caminha para a porta, irá pela abegoaria, chamar o monteiro do palácio, receber indicações sobre os hábitos e a alimentação do *Latido*. O velho conde não quer arrepender-se, pretende subir aos seus aposentos e adormecer. A condessa mãe está aliviada, e apesar de tudo agradece a deus ter escrito direito por linhas tortas, e pegando no seu livrinho de orações, recolhe ao quarto. O velho conde detém-se ainda um momento no grande salão, em cima da mesinha, ao lado do seu punhal, repara no códice com o relato da viagem. Sentado no seu cadeirão ainda por alguns momentos, passa os olhos pela

letra indecifrável do escrivão, autor do roteiro da viagem, o capitão Tristão tem destas coisas, é capaz de escolher um escrivão, sem se assegurar da legibilidade da sua caligrafia, deitando assim por terra a única razão para se tolerar um escrivão na equipagem de uma nau ou caravela. Que importa pois a inteligência que não pode comunicar-se? Não se percebe uma só palavra, o velho conde tem vontade de chamar o capitão Tristão, ordenar a devolução do *Latido*:

— Quem vai ler esta algaraviada? Isso queria eu saber, até podia estar aqui uma receita de pudim do convento das dominicanas, para mim era igual. Mas onde anda a cabeça deste Tristão? Tu queres ver? Estaremos na presença de um tratante?

O velho conde parece arrependido, e por ali fica, durante várias horas, ocupado com a decifração daquele roteiro, sentindo-se enganado, como pode ter a certeza de que não foi enganado? No fundo, talvez tenha oferecido o cão de água da sua filha a um maluco aventureiro, e sobre o ouro não tem mais do que promessas e histórias pouco aparentadas com a realidade.